

II. PROMESSA EM ANO DE ELEIÇÕES ¹

uma ligação do governador do arkansas / o mesmo erro cometido por henry ii / os serviços secretos à procura de bono / two shots of happy ² / um contratempo para a imigração irlandesa / george b. insulta b. george / o sangue no solo clama por vingança

EM 28 DE AGOSTO, o U2 é convidado no “Rockline”, um programa nacional de rádio do tipo que recebe telefonemas. “Bill, de Little Rock”, está ao telefone. Os membros da banda olham uns para os outros; eles foram avisados que o candidato democrata à Presidência poderia ligar para apresentar um pouco da sua sofisticação pública pós-Arsênio. Depois de uma pequena disputa inicial (Bono: “Devo tratá-lo por Governador?”. Clinton: “Não, me chame de Bill”. Bono: “Você pode me chamar de Betty”), Clinton e o U2 se acertaram. Para Clinton isso significa outra ligação com o MTV News. Para o U2, significa mais uma nota nos jornais diários; ambas as partes atiram outra pedrinha de Relações Públicas na grande doce montanha da publicidade e seguem para o próximo evento.

Duas semanas depois, o U2 chega a Chicago às 3 da manhã, bêbados e ainda com as roupas de palco, três horas de viagem depois de um concerto em Madison, Wisconsin. Ao registrarem-se no Ritz-Carlton Hotel, foram informados que o Governador Clinton também está no recinto.

“Bem, então vá chamá-lo aqui!”, Bono manda em voz alta, brincando. “Nós o queremos!” como Henry II perguntando: “Não irá alguém me livrar deste clérigo intrometido?”. O U2 deveria ter cuidado com o que pede.

Enquanto a banda ri e segue cambaleante para os quartos para desmaiar na cama, um dos bem treinados roadies subitamente se liga e sai para localizar Bill Clinton e trazê-lo para o U2. No corredor, do lado de fora dos aposentos do candidato, os agentes do Serviço Secreto saltam sobre o pobre mensageiro do U2, como coiotes num alce. “São três da manhã”, os agentes explicam enquanto escoltam o roadie. “O Governador está dormindo”.

“Vocês não entendem”, o mensageiro protesta. “O U2 quer vê-lo já!”

Bono, sem fazer ideia da confusão causada por sua brincadeira, está numa enorme suíte de dois andares com uma escada em espiral e candelabro. Ótimo casebre, mas ele está muito ligado para dormir. A sua criatividade foi potencializada pelo álcool. Ele está transbordando com uma inspiração fresca para a sua busca pessoal de escrever uma nova “My Way” para o seu camarada Frank Sinatra. É verdade, o velho ‘Olhos Azuis’ não viu a genialidade na

¹ No original: “Promisse in the year of election”, trecho da música Desire.

² “Duas doses de felicidade”, referência ao nome da música Two Shots of Happy, One Shot of Sad.

primeira tentativa de Bono, "Treat Me Like a Girl", mas esta, esta é perfeita: "Two Shots of Happy, One Shot of Sad". Bono, ainda com seus óculos de besouro e terno justo de veludo vermelho, cambaleia pelo corredor até a suíte do Edge, zumbindo a melodia para ele mesmo para não esquecê-la – "Two shots of happy, one shot of sad, you think I'm a good man, but baby I'm bad..." [Duas doses de felicidade, uma dose de tristeza, você pensa que eu sou um bom homem, mas eu sou ruim, baby]. Ele tem que gravar esta obra-prima numa fita! Ele encontra Edge, Edge encontra uma guitarra e um gravador, e eles trabalham na música até amanhecer.

Quando o sol começa a nascer em Chicago, Edge se retira. Bono trabalha um pouco mais, e então, avistando um quarto de hóspedes na suíte de Edge, apaga ainda vestido.

Enquanto o U2 está se recolhendo, Bill Clinton está acordando. Ele dá uma olhada para as mensagens recebidas e os homens do Serviço Secreto informam-no que, enquanto ele estava dormindo, um hippie maluco apareceu trazendo um convite do U2.

A resposta de Clinton? "Por que vocês não me acordaram?". Enquanto os guarda-costas do Governo dão de ombros e murmuram, Clinton demanda: "É tarde demais? Onde eles estão agora?".

Repentinamente, é a vez dos agentes do Serviço Secreto correrem pelos corredores por ordem impulsiva do seu rei. Eles acordam Paul McGuinness, que salta da cama, limpa a garganta, abaixa o cabelo e diz: "É claro que o Bono gostaria de falar com o Governador! Por favor, digam ao Sr. Clinton para ir diretamente para a suíte do Bono! Eu vou acordá-lo!". Então o empresário desliga o telefone e escava a sua bagagem em busca de uma gravata.

McGuinness liga para a suíte do Bono e não há resposta. Certo, tudo bem, sem pânico – provavelmente ele simplesmente está apagado. O empresário sai em disparada para o quarto do Bono, consegue que alguém do hotel abra a porta e Bono não está lá. Ninguém dormiu naquela cama, ninguém tomou banho naquela banheira, ninguém passou pela escada em espiral. Não existe Bono, mas aqui vem Bill Clinton! Os funcionários do hotel são tão desesperadamente úteis quanto os elfos do Pólo Norte; Os coordenadores de campanha de Clinton estão imperdoavelmente amigáveis, os Serviços Secretos, friamente profissionais e o próximo Presidente dos Estados Unidos está animado enquanto inspeciona a fabulosa suíte do Bono. MacGuinness, com seu sorriso de boas vindas congelado, diz, bem-vindos, bem-vindos, e então vai discretamente para a próxima sala para ligar a todos os membros do U2 e dizer: (1) levanta, (2) vem pra cá e (3) onde está o Bono?

"Nós trabalhamos numa música até o amanhecer", diz um sonolento Edge. "Então eu fui pra cama. Eu não sei onde ele está agora". Edge arrasta-se para fora da cama para escovar os dentes e encontrar o candidato. No caminho para o banheiro, ele nota um quarto extra e abre a porta. Lá, desarrumado, barba por fazer e inconsciente, jaz Bono.

"Levanta!", Edge o cutuca, "Bill Clinton está no seu quarto".

Bono não sabe nem em que fuso horário está. A boca dele tem um gosto horrível e a cabeça está nadando em "Two shots of happy, one shot of sad, you think I'm a good man . . ." O seu

cabelo pintado está sobre seus olhos vermelhos e, assim como Lázaro, ele está mal cheiroso. “Clinton está no meu quarto?”. Bono tenta se arrumar. Ele se olha no espelho. Dorian Gray. Ótimo. “Tudo bem”, ele murmura, “vamos ver o quanto de político este cara tem”.

Bono anda em zig-zag pelo hotel e entra na sua suíte pela porta de cima. Ele ouve Clinton falando no andar de baixo. Bono põe de volta os seus óculos de besouro, alisa os amassados na sua roupa de veludo vermelho e acende uma pequena cigarrilha preta. Elegantemente cansado, Bono então desce a escada em espiral para juntar-se ao candidato com segurança ao estilo ‘foda-se’ de Bette Davis num dia ruim. Clinton para. Clinton encara-o e então, cai na gargalhada.

“Ei”, pensa Bono, “esse cara é legal”.

Edge e Larry aparecem e por uma hora o U2 senta junto com o candidato. Aquele que detesta bobagens, Larry, desafia Clinton: “Olha, você sabe que o sistema é corrupto. Por que você quer ser presidente?”

Clinton olha para Larry. Faz uma pausa e fala suavemente: “Isto vai soar babaca. Mas, eu realmente amo o meu país e realmente quero ajudar as pessoas. Eu sei que o sistema é corrupto e eu não sei se o presidente pode mudá-lo. Mas uma coisa eu sei: mais ninguém tem condições de fazê-lo!”

Gol! Nossa, pensa Larry, que cara honesto. Uau, pensa Bono, ele é realmente como o Elvis (que é o codinome do candidato para os Serviços Secretos - o que o empolga). Bono fala com Clinton sobre ideias que George Lucas, o diretor, tem promovido relacionadas com a utilização de alta tecnologia para devolver a funcionalidade ao sistema educacional americano.

“Eu não me encontrei com George Lucas”, diz Bono, “mas tenho observado, de certo modo à distância, o que ele está fazendo, porque é um homem bastante interessante. Grande parte da energia dele, nos últimos seis ou sete anos, tem sido gasta no desenvolvimento de softwares de computador para programas escolares. Ele acredita que a América pode ser educada e o sistema educacional é o maior problema dos Estados Unidos. A maneira para resolver esse problema é através de programas de estudo interativos, estilo fliperama. Eu acho que ele tem razão. E é uma das ideias importantes neste momento”.

Adam aparece, chocado por ver o grande quarto cheio de políticos e pessoal relacionado com a Zoo TV, todos conversando prazerosamente e trocando histórias da estrada. Adam não se apressou como Paul Revere¹ quando soube que Clinton estava à procura da banda; ele tomou banho, tomou o café da manhã e dirigiu-se calmamente para o que agora parece um quartel-general de campanha. O baixista se junta aos seus amigos da banda quando Bill está convidando o U2 para tocar na sua posse e Bono está, sarcasticamente, dentro do seu cérebro enevoado, tentando pensar em algo que um homem com consciência social como ele

¹ Paul Revere é uma personalidade histórica norte americana, que, no século 19 foi mensageiro durante as batalhas de Lexington e Concord.

deveria dizer para o próximo presidente enquanto o tem preso a um canto.

Ah, ele encontrou a solução! Algo para o pessoal lá de casa. “Veja”, Bono diz para Clinton, “supostamente a Irlanda deve gozar essa ‘relação especial’ com os Estados Unidos, mas é um inferno para qualquer irlandês conseguir um visto para entrar aqui! Os britânicos vêm e vão conforme querem, mas eu não consigo nem trazer a babá dos meus filhos, pelo amor de Deus. Se você se tornar presidente, você poderia...”

“Ah, espera aí, Bono”, interrompe um membro da equipe do U2. “Você sabe que se deixarem um irlandês entrar na América ele nunca vai sair!” Bono fuzila o interlocutor com o olhar enquanto Clinton ri por ter escapado dessa. “Empate”, pensa Bono, “eu tenho uma chance de marcar um ponto para a Irlanda...”.

Depois de Clinton ir embora, Bono repreende seu amigo apolítico: “Se as pessoas na Irlanda algum dia descobrem o que disse para o Clinton, você vai ser encontrado balançando em um poste de luz em Dublin”.

Durante a conversa, Clinton e o U2 descobrem que ambos têm ingressos para o jogo de futebol americano do Chicago Bears daquela noite, então eles concordam em unir as comitivas e dividir uma única escolta policial (isso é o equivalente a eu e você dividindo uma carona). Agora, como Adam aponta no caminho para o jogo, uma banda na posição do U2 realmente torna-se um pouco confiante em relação a escoltas policiais, mas você sabe que Clinton está jogando num nível diferente quando olha em redor e se dá conta que os carros guardados por essa escolta são os únicos na estrada. Os Serviços Secretos bloquearam todas as rampas de acesso até que o candidato e seus convidados passem. Nem mesmo o Led Zeppelin teve isso nas suas viagens!

Assistindo TV uns dias depois, a atenção de Bono é atraída para o discurso do Presidente Bush num comício: “O governador Clinton não acha que política internacional é importante, mas ele está tentando se atualizar”, diz Bush à multidão. “Vocês devem ter visto isso nas notícias - ele esteve em Hollywood buscando conselhos sobre política internacional com o grupo de rock U2”.

Bono olha para a TV. “Grupo de Rock?”.

Bush continua: “Eu não tenho nada contra o U2. Vocês podem não estar cientes disso, mas eles tentam me ligar todas as noites durante os shows! Mas, da próxima vez que enfrentarmos uma crise internacional, eu vou trabalhar com John Major e Boris Yeltsin e o Bill Clinton pode consultar o Boy George!”. Bush segue em frente e declara que se o Clinton vencer você também¹ vai ter uma inflação alta, você também terá aumento nas taxas. Você também! Você também!

Bono não entende. “Ele pensa que eu sou o Boy George?”, pergunta.

¹ No original “you too”, trocadilho com a pronúncia de U2.

“Não” eu digo. “Ele está amaldiçoando o Clinton por associação. Ele provavelmente tem uma equipe de consultores que passaram a noite acordados tentando encontrar uma estrela de rock que pudessem insultar sem ofender potenciais eleitores do Bush. A Madonna é muito grande, Springsteen - eles precisam daqueles votos de New Jersey. Boy George é estrangeiro, gay e não vende mais nenhum álbum. Ele é perfeito”.

“Sim”, Bono suspira se levantando. “Pobre George. É um alvo seguro. Ele não é popular”.

No dia 3 de novembro, o U2 assiste ao resultado das eleições na CNN antes de entrar no palco em Vancouver, no Canadá. A equipe deles aplaude a cada vez que Clinton vence num Estado. “Jesus, não é a nossa cara!” diz Bono. “É uma noite infernal para se ter recém saído dos EUA”.

Para o U2 as eleições presidenciais americanas são ligeiramente abstratas. Mas Bono começa a sentir o peso dela no domingo seguinte às eleições, quando ele vai para a celebração na Glide Memorial Methodist Church, no distrito Tenderloin, em São Francisco. Quando está na área, Bono é um frequentador assíduo da Glide, uma igreja municipal construída em 1930 por Lizzie Glide, um filantropo rico que tinha uns poucos paroquianos remanescentes quando o Reverendo Cecil Williams chegou lá em 1964. Rev. Williams transformou-a numa igreja dedicada a acolher os renegados da sociedade e, por mais de três décadas, fez dela um centro de adoração e ação social para pessoas piedosas de todos os escalões da comunidade. “É a única Igreja que eu conheço onde você consegue fazer teste de HIV durante a celebração”, diz Bono. “É maravilhoso. Os cânticos são ótimos, há filas que dão a volta no quarteirão no Domingo de Páscoa. É simplesmente um evento, um lugar realmente vivo”.

Neste domingo, a Igreja tem um dia especial de Ação de Graças pela vitória do Clinton e Bono é apanhado na paixão da congregação. A esposa do reverendo, uma poetisa chamada Janice Mirikitani, levanta-se e lê um poema sobre o significado deste dia para as mulheres americanas e, quando ela termina, metade das quase 1200 pessoas apertadas dentro da igreja pulam cantando e chorando.

“Aquele foi o momento”, disse Bono depois. “Aquele foi o momento em que eu soube o quão importante essa pequena vitória é. Eu estava olhando ao redor e pensando: ‘Uau, se você tem HIV, se é homossexual, se fosse membro da subclasse, se você é uma mulher ou se é um artista - e isso cobre praticamente todo mundo nesta igreja - isso não é uma coisa pequena. Isso não é como um lar de classe média onde as pessoas dizem - ‘Bem, é uma nova chance’. Não há nada de pequeno nisso! Isso foi como ir de ‘Nós não existimos’ para ‘Nós existimos’, você entende? Se o verdadeiro impacto da eleição na vida deles vai realmente existir, pelo menos eles sabem que estão incluídos. E isso fez com que eu me desse conta. Se ao tomar parte na campanha ‘Rock the Vote’ nós contribuímos de uma pequena, pequena, pequena forma, então nós fizemos a coisa certa”.

Foi através da Glide, em 1986, que Bono se ligou ao C.A.M.P., grupo de ajuda que fez arranjos para que ele e Ali viajassem pela Nicarágua e El Salvador durante as guerras, apoiadas pelo Reagan, contra os partidos de esquerda naqueles dois países.

“Na Nicarágua eu vi supermercados onde não havia comida devido ao embargo”, Bono explica. “Eu vi um corpo ser atirado da traseira de uma van para o meio da rua, sabe como é? Nós vimos a força destrutiva que foi a era Bush-Reagan. Não nos demos conta disso quando começamos a nos envolver com a campanha para que as pessoas se cadastrassem para votar. Nós nos demos conta disso no final”.

Eu não sei se Bono sabe que Bill Clinton trouxe a Hillary à Glide no último Dia das Mães, e mais tarde disse aos seus conhecidos que sentado lá, ele sentiu como se tivesse encontrado a América que queria ver - uma América que inclui todos. Clinton e Bono têm mais em comum do que o amor pelo Elvis e andarem escoltados.

Contagiado pela vitória do novo presidente, Bono se permite empolgar-se com a possibilidade de uma verdadeira nova ordem mundial. Durante um jantar tarde da noite, ele se envolve numa pequena discussão filosófica pós-coquetel com o agente do U2, Frank Barsalona, o grande negociante que trouxe os Beatles para a América e que tem sido uma força poderosa, silenciosa, desde então.

A conversa assume um tom sombrio quando Bono diz a Barsalona que a América precisa fazer penitência pelos seus pecados. Ele cita o trecho do Velho Testamento sobre o sangue no solo clamando por vingança. “Você sabe”, diz Bono, “é por isso que a América é tão violenta. Havia uma população indígena que foi dizimada. Os EUA têm simplesmente que enfrentar isso. A razão para os judeus serem tão poderosos é que eles anotam e memorizam as suas falhas tanto quanto os triunfos, as derrotas tanto quanto as vitórias. Os EUA deviam fazer o mesmo. Eu realmente acredito na expiação. Esse discurso de posse é importante. Se o Clinton se levantasse para o seu discurso de posse e se desculpassem pelos pecados dos EUA, se desculpassem com os vendedores de crack, as gangues, as prostitutas e os viciados, e dissesse ‘Eu sei que vocês não erraram com relação aos EUA; os EUA erraram com relação a vocês! Perdoem-nos e juntem-se a nós!’ Uau! Imagina se ele fizesse isso”. Bono balança a cabeça maravilhado frente à possibilidade.

Frank Barsalona balança a cabeça também. “Talvez sim”, diz o agente, interrompendo o seu jantar, “mas não há uma oração para que isso possa acontecer”.